

12486 - Análise das Noções de Espaço, Lugar e Cartografias nas Metodologias Participativas da Formação em Gênero e Agroecologia

*Analysis of the Notions of Space, Place and Cartographies in the Participants
Methodologies of the Formation in Gender and Agroecology*

BARLETTO, Marisa¹; BEVILACQUA, Paula Dias²; CARDOSO, Elizabeth Maria³

1 Universidade Federal de Viçosa, barletto@ufv.br; 2 Universidade Federal de Viçosa, paula@ufv.br; 3 Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM), beth@ctazm.org.br

Resumo: O presente trabalho se propõe apresentar reflexões teóricas sobre as técnicas de intercâmbio de experiência e construção de mapas num projeto de formação de mulheres trabalhadoras rurais em gênero e agroecologia. São discutidas as categorias analíticas de: paisagem, de espaço e de lugar apresentadas por Milton Santos e de cartografia apresentada por Boaventura Sousa Santos. As análises são tensionadas pela categoria analítica gênero, tendo como finalidade última contribuir para a formação de mulheres trabalhadoras rurais na perspectiva dos estudos feminista e agroecológica.

Palavras-chave: espaço; metodologia; gênero

Abstract: The present work if he/she intends to present theoretical reflections about the techniques of exchange of experience and construction of maps in a project of rural hard-working women's formation in gender and agroecology. The analytical categories are discussed of: landscape, of space and of place presented by Milton Santos and of cartography presented by Boaventura Sousa Santos. The analyses are analyzed for the category analytical gender, tends as last purpose to contribute for the rural hard-working women's formation in the studies feminist's perspective and agroecological.

Key Words: space; methodology; gender

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões teóricas sobre as técnicas de intercâmbio de experiência e construção de mapas num projeto de formação de mulheres trabalhadoras rurais em gênero e agroecologia. São discutidas as categorias analíticas de: paisagem, de espaço e de lugar apresentadas por Milton Santos e de cartografia apresentada por Boaventura Sousa Santos. As análises são tensionadas pela categoria analítica gênero, tendo como finalidade última contribuir para a formação de mulheres trabalhadoras rurais na perspectiva dos estudos feminista e agroecológica.

O contexto dessa reflexão é o trabalho de Formação em Agroecologia para Mulheres Trabalhadoras Rurais na Zona da Mata de Minas Gerais, realizado Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM) e pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG) da Universidade Federal de Viçosa. O projeto foi tecido junto às organizações de mulheres trabalhadoras dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e às Associações de Mulheres de oito municípios da Zona da Mata de Minas Gerais.

A origem dessa proposta de formação foi uma pesquisa realizada pelo NIEG/UFV e o CTA/ZM junto às agricultoras da Zona da Mata onde os resultados indicaram que a agroecologia, pelo seu enfoque sistêmico, tem dado visibilidade e importância ao trabalho

das mulheres nos espaços produtivos e que as mulheres têm esses conhecimentos, entretanto estes se apresentam fragmentados entre prática e reflexão nas pequenas produções familiares. Ou seja, ficou indicado que nos espaços produtivos as mulheres ainda estão longe de alcançarem a autonomia e têm pouco conhecimento reflexivo dos princípios da agroecologia, apesar de estarem profundamente ligadas a estes processos nas suas propriedades e atuando diretamente na produção agroecológica. Foi a percepção desse quadro que criou a demanda de uma formação sobre o tema entre as mulheres trabalhadoras rurais.

O trabalho de formação foi desenvolvido em três módulos: 'Gênero, Agroecologia e Economia Solidária'; 'Gênero, Agroecologia e Saneamento Básico' e 'Bio-sociodiversidade'. Cada módulo teve a duração de dois dias. Dentre as várias atividades, foram realizadas técnicas baseadas nas metodologias participativas sobre gênero e agroecologia, as quais tratavam mais diretamente sobre as temáticas propostas nos módulos.

Para os fins deste trabalho, trataremos das técnicas 'intercâmbio de experiências' e construção de 'mapas' sobre a propriedade rural e sobre saneamento rural, centrado nos usos da água e destinos/reciclagens do lixo.

Metodologia

As técnicas 'intercâmbio de experiências' e construção de 'mapas' são especialmente férteis porque estão organizadas simbolicamente pelo espaço. E a representação do espaço da propriedade/produção feita pelas trabalhadoras rurais está definido pelo trabalho. Como a unidade fundamental é o espaço ou o ambiente, a divisão do trabalho feminino e masculino é ordenada pela lógica espacial. Como afirma De Biase (2007), "as relações sociais no campo são reconhecidas principalmente segundo a identificação dos membros da família aos espaços que eles transformam". (p. 09). Conforme explica Woortmann (1997), os espaços de fora (a roça) pertencem ao homem e os espaços de dentro (casa, arredores da casa, quintal, terreiro) à mulher; e acompanhando as dicotomias, o consumo (coleta, alimentação) está relacionado à mulher, e a produção (caça, roçado, mercado) ao homem.

Resultados e discussão

Essa análise, já consagrada nos estudos feministas, permite re-significar a noção de espaço com as categorias de paisagem, espaço e lugar apresentadas por Milton Santos.

Para o autor, o conceito de espaço não se refere de uma 'entidade' geográfica, num sentido positivista do termo, mas sim ao conjunto indissociável de sistemas de objetos (materialidade) e ações (sociedade). Ou ainda "é um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica". (SANTOS, 2002, p.40).

A paisagem é a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e é o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações (SANTOS, 1986). A paisagem é sistema de objetos, que em si mesmos não têm valor, mas que ao ser apreendido "nos indica intervenções e formas de organização que melhor podem

contribuir para concretizar as alterações desejadas pela sociedade, para dar um sentido às ações humanas [...]” (LEITE, 2004, p.54).

Uma paisagem não é um espaço, mas pode passar a sê-lo quando lhe for atribuído valor, incorporando significação através de objetos técnicos (científicos ou não) que o definem e definem seu uso. Assim, quando as trabalhadoras rurais se reúnem fazem a caminhada do intercâmbio e desenham o ‘mapa’, com a participação das pessoas com formação técnica no campo da agroecologia, os temas tratados perpassam dois eixos: um deles envolve as diferentes técnicas e ciência que foram sendo incorporadas no meio rural (implementos, insumos e também intelectuais indispensáveis à produção, ao crédito, à administração pública, etc.), ou seja, as práticas discursivas e a grande carga de racionalidade que dá suporte ao saber hegemônico. Saber hegemônico esse transversalizado pela invisibilidade da mulher e as desigualdades de gênero que elas carregam.

O outro eixo envolve o que Milton Santos (2002) conceituou como lugar. Segundo o autor, essa racionalidade sistêmica que dá suporte ao saber hegemônico, não é total e homogênea, “pois permanecem zonas onde ela é menor e, mesmo, inexistente e onde cabem outras formas de expressão que têm sua própria lógica”. (p.304). Quando as trabalhadoras narram sobre suas propriedades, narram também as memórias das heranças físico-territoriais, socioterritoriais ou sociogeográficas. Sendo o conceito de lugar referente ao que está na margem ou na fronteira do saber hegemônico, o lugar é definido por “um acontecer solidário”, no sentido de interdependência, “a realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum” (SANTOS, 2002:166). O que caracteriza o lugar é a unidade, as socialidades de cooperação, o anseio de autonomia e liberdade, onde se faz o espontâneo, o inesperado, o conflito e a resistência. É no lugar que a prática está depositada nas coisas, como condição e transformação, onde a cultura se torna cotidiano inseparável dos objetos e fatos.

É no conceito de lugar segundo Milton Santos, que emerge a possibilidade do paradigma agroecologia. A agroecologia utiliza os saberes locais e populares juntamente com o conhecimento científico, sendo considerada um paradigma emergente. Segundo Gliessman (2001), a agroecologia firma-se tanto como paradigma científico como movimento político, porque “valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade.” (p.56).

Neste trabalho, compreende-se a categoria gênero na perspectiva apresentada por Scott (1990), sendo um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os dois sexos; e uma forma básica de representar relações de poder em que representações dominantes são apresentadas de forma natural e inquestionável.

Quando o processo de formação em agroecologia coloca a mulher como narradora, permite que ela imprima ‘suas digitais’ na narrativa, trazendo para o espaço narrado aquilo que foi invisibilizado pela racionalidade hegemônica, refazendo o espaço e transformando-o em lugar. É um lugar narrado social e coletivamente, pois nele existe um encontro com outras mulheres que desejam pensar/agir/falar com outras ferramentas sociais e políticas.

Assim, o intercâmbio, por exemplo, começa pela casa e cozinha e deve ser orientado pela mulher. É feito o histórico da propriedade, da família e da casa. A visita continua a partir do quintal, e depois para os outros espaços de produção. A visita é guiada pela mulher, e é encerrada no quintal, terreiro ou varanda da casa.

Os mapas desenhados contam a história do lugar, num plano cognitivo e social mais estático, ‘fotografando’ o lugar, tentando fazer dele um espaço. Se na caminhada do intercâmbio a relação subjetiva é mediada pelo andar, provocando os sentidos e os diálogos, nos mapas são acionadas outras sensibilidades, produzindo outras narrativas.

As formas de interação – intercâmbio e ‘mapas’ – seriam formas de cartografar esses espaços e lugares, destacando-se o pertencimento de gênero como autoria. Segundo Boaventura Souza Santos (2000), “os mapas são um campo estruturado de intencionalidades, uma língua franca que permite a conversa sempre inacabada entre a representação do que somos e a orientação que buscamos.” (p.22). E conclui: “de nada valeria desenhar mapas se não houvesse viajantes para os percorrer.” (p.22). Assim, o que interessa não é o mapa, mas sim o trabalho da cartógrafa, que transforma a experiência numa representação, cujas escalas não são precisas, e os elementos de referência têm significados e sentidos diversos. As narrativas sobre os intercâmbios e mapas são cartografias de mulheres sobre o espaço e o lugar.

Agradecimentos

O presente trabalho é parte da pesquisa financiada pelo Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA, em 2010.

Bibliografia Citada

DE BIASE, L. A condição feminina na agricultura e a viabilidade da agroecologia. *Revista Agrária*, São Paulo, nº 7, pp. 4-36, 2007

GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 2º ed. Porto Alegre. Universidade, 2001.

HEREDIA, B. M. A. *A morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979. (Série Estudos sobre o Nordeste; v. 7).

LEITE, M. Â. F. P.. Mas se o lugar nos engana, é por conta do mundo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Milton Santos e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, B. S. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, M. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo, Hucitec, 1986. p.37-38.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: v. 16, n.2, p. 5-22. Jul./dez. 1990.

WOORTMANN, E. F. & WOORTMANN, K. *O trabalho de terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1997.